

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA	
7.º ANNO				N.º 924
Braga, 12 mezes.	13600	AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.	Provincias, 12 mezes.	25000
» 6 »	850		» 6 »	15050
Correspondencias partic. cada linha	40		» sendo duas assignaturas	35600
Anuncios cada linha.	20		Brazil, 12 mezes, moeda forte.	35600
Repetição	10		Folha avulso	10

BRAGA

SABBADO 19 D'ABRIL DE 1879

Ainda duas palavras á «Palavra».

Quem lêsse com alguma attenção o que escrevemos em o n.º 914 d'este jornal, dirigindo-nos ao nosso estimado collega portuense a «Palavra», comprehenderia de certo que em nome do partido legitimista portuguez fallavamos, e a elle principalmente se referiam as breves considerações, que fizemos em nosso artigo.

Desde que se affirmara que em todos os campos—mesmo n'aquelle em que se defendem os principios da legitimidade—existem catholicos liberaes, era dever nosso remover esse labeu para longe dos nossos correligionarios portuguezes, cujo credo religioso e politico está bem patente, nos jornaes e escriptos de diferentes epochas, produzidos por pennas legitimistas, a protestar contra a mais leve suspeita de que haja entre nós alguém evadido d'essa perniciosa peste, que se denomina catholicismo liberal.

E' mesmo bem sabido, que, no periodo do governo legitimo em Portugal decorrido desde 1828 a 1834, começou a pôr-se em pratica uma salutar reacção contra os principios d'esse falso catholicismo, mandando-se expungir dos compendios destinados ao ensino official os numerosos erros das escolas jansenistica e gallicana, que o cesarismo havia adoptado, e que o liberalismo ainda hoje sustenta. E o principe, que então empunhava o sceptro lusitano, declarava no decreto, em que mandava substituir o catholicismo chamado de Montpelliér pelo do patriarchado de Lisboa—que acima de todos os seus titulos prezava mais que tudo o de rei fidelissimo.

Mal se pensaria então que homens, que se dizem catholicos puros, prefeririam a esse rei uma dynastia, cujo chefe se declarou publicamente *pedreiro-livre*, e de cuja dominação em Portugal, podem contar-se os annos por outros tantos ultrages, expoliações e invasões contra a Igreja Catholica e seus sacratissimos direitos!....

Mas o nosso collega, em a nota que deu lugar ás nossas reflexões, referia-se aos defensores da legitimidade em geral, e sem especificar nacionalidades. E no artigo do seu numero 1:994 diz—«isto mais ou menos por toda a parte; mas sobretudo na Italia e na França». Assim cumpre que digamos nós também alguma cousa, com referencia ao partido legitimista tomado igualmente na sua generalidade.

«Legitimista» consoante a significação mais restricta do vocabulo, diz-se a pessoa, que reconhece e defende os direitos de qualquer principe legitimo; e n'este sentido também Manuel Fernandez Thomaz, e Ferreira Borges, e Manuel Borges Carneiro—os patriarchas do liberalismo entre nós—podiam dizer-se legitimistas, pois reconheciam os direitos de el-rei D. João VI ao throno portuguez, e em defesa d'esses mesmos direitos, cobriram d'improperios o principe rebelde D. Pedro—depois transformado em heroe pelos liberaes—quando este se revoltava contra o seu legitimo soberano, levantando-se com o Brasil.

Mas hoje dá-se á palavra—legitimista—uma significação mais lata, e chama-se partido legitimista aquelle, que não só sustenta a causa das dynastias legitimas, despojadas dos respectivos Estados pela revolução, mas também se acha em hos-

tilidade aberta com as theorias politicas e religiosas propagadas pela mesma revolução, ou com o liberalismo, que é a sua synthese. N'este sentido o legitimismo é a perfeita antithese do liberalismo; e foi porisso mesmo que nós dissemos—que legitimista e liberal são qualificações, que mutuamente se repellem.

Quando ha poucos annos se propunha ao senhor conde de Chambord o subir ao throno de seus maiores com a condição de adoptar a bandeira revolucionaria, elle regeitou nobremente similhante proposta, protestando permanecer fiel á sua bandeira branca, ainda sob pena de não chegar a cingir jámais a corda, que por direito lhe pertence.

Eis aqui o que é o verdadeiro partido legitimista, exemplificado em um dos seus mais illustres chefes. N'este campo fluctua uma bandeira, que não tem, que não pôde ter nada de commun com o estandarte revolucionario, a cuja sombra se acolhem os liberaes de todos os matizes, formando um outro campo, que o primeiro é chamado a combater sem tréguas. Porisso nós affirmaremos sem hesitar, que no campo legitimista não pôde haver catholicos liberaes, ou só aqui podem existir como os judeus e os mahometanos entre os povos catholicos, isto é, sem se unificarem, sem se confundirem com os outros.

O partido legitimista é um partido catholico antes de tudo e primeiro que tudo, fiel aos ensinamentos do Vigário de Jesus Christo e votado de alma e coração á defesa dos direitos da Igreja. Quem não adopta sem restricções este artigo do nosso symbolo poderá ser tudo, menos um genuino legitimista. Um legitimista-catholico-liberal seria um verdadeiro monstro horraciano, que nem sequer pôde conceber-se. Para que exista realmente é mister amputar-lhe o primeiro d'aquelles trez qualificativos; e então só na apparencia poderá ficar entre nós, porque a sua posição real e verdadeira é lá, no campo liberal.

Aqui ninguém o reconheceria por irmão, não o queriamos por companheiro, nem lhe acceitaríamos os serviços, porque elle só viria comprometter-nos e atraçoar-nos.

Assim mais desenvolidamente explicado o nosso pensamento, cremos ficar no mais perfeito accordo com o nosso prezadissimo collega da «Palavra», que também confessa termos razão quando affirmamos a incompatibilidade, que se dá entre as duas condições de—liberal e legitimista, na accepção (repetimos) politico-religiosa do termo.

E será muito para desejar que assim terminem sempre as nossas divergencias, pois que temos diante de nós um inimigo commun, vigoroso e compacto, que attrahe de preferencia os nossos tiros, e que folgaria com sobejo motivo vendo-nos divididos e discordantes.

D. M. S.

As funcções da Semana Sancta.

Subiram de esplendor n'este anno as solemnidades da Semana Sancta, as mais graves e commoventes do culto catholico.

Reduziam-se nos annos anteriores estas funcções ao que stricta e singelamente se fazia na cathedral por mora obrigação do Estatuto coral, e nem a pobreza da fabrica da igreja, nem a fome canina dos governos liberaes permitte que este culto official ultrapasse o strictamente indispensavel para que as portas das ca-

thedraes não se fechem n'esses dias. Assim anda abastecido o culto religioso que o governo nacional se obrigou a manter quando espoliou a igreja dos rendimentos proprios, extinguindo os dizimos, e desamortizando (frase liberal) a propriedade. Se não fôra a solicitude particular dos prelados e a sua presença n'estas solemnidades, estariam desertas as cathedraes nas principaes solemnidades do gyro do anno.

Bem se imagina o que seriam estas solemnidades com um cabildo reduzido a quatro conegos, alguns doentes; a um côro com seis capellães, e a uma capella com quatro cantores. Evidentemente que com este numero pessoal que a fabrica ou o thesouro estipendia, as funcções do culto catholico nas cathedraes haviam de tocar as raias do esplendido e do magnifico.

Vem porém a piedade particular; como sempre, a ella se recorre em auxilio do culto religioso, e aquellas solemnidades receberam o esplendor que demandam.

Além das matinas cantadas nos tres dias, e dos actos pontificaes da benção dos oleos, e do lava-pedes que fez o exm.º prelado, houve n'este anno os officios da sexta-feira na real capella de Sancta Cruz, com a magestosa procissão do Enterro, que ha muitos annos se não fazia.

De manhã teve lugar a adoração da Cruz, e missa na fórma prescripta no cerimoniaro romano.

O templo estava todo forrado de negro crepe; na capella-mór erguia-se a montanha que figurava o Calvario, e na escuridão do templo sancto alvejava o altar do sacrificio, desmantellado e nu, com os cirios lugubres e a Cruz coberta de um veu roxo.

Desnudada a cruz com as ceremonias prescriptas, e posta sobre um veu branco de seda d'ouro, começou a commovente cerimonia da adoração, indo primeiro o celebrante só e descalço, e depois os acolythos, clero assistente e a Meza da Irmandade da mesma fórma que o celebrante, adorar o Sagrado Lenho da redempção.

Um côro de vozes respondia ao canto-chão grave dos ministros sagrados.

As lagrimas borbulhavam nos olhos e o coração apertava-se transido de dor quando estas palavras—meu povo, que mal te fiz Eu, ou em que te desgostei—*popule meus, quid feci tibi, aut in quo contristavi te*—despertando o remorso do crime retiniram nos ouvidos.

Esta voz de mansissimo Cordeiro saindo do leito da sua cruz, onde expirou com o perdão nos labios, fendia o rochedo dos corações obstinados e d'elles fazia brotar as lagrimas do arrependimento.

E' impossivel disfarçar-se a commoção que tão pathetica cerimonia produz n'alma crente e piedosa.

De tarde, pelas cinco horas, sahiu a magestosa procissão. A gravidade, o silencio e o respeito com que todos caminhavam; os canticos funebres com que os sacerdotes quebravam o respeitoso silencio, e a voz triste e maviosa d'uma exemplar joven que figurava a Veronica e soltava este pranto—*O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus*—fazia mais profunda a tristeza, e em muitos, certamente, mais vivo o arrependimento das culpas de que a consciencia se sentia manchada.

Adornava a procissão algum figurado que o Estatuto ordena, como a Magdalena e o Evangelista e outras mulheres piedosas, José d'Arimathea e Nicodemus, e o Centurião.

Todas estas figuras, bem caracteriza-

das e d'uma estatura proporcionada, longe de excitarem o riso como n'outras occasiões em que temos visto patriarchas, prophetas, reis e outros personagens notaveis da Biblia representados em meninos de seis annos, sem verosimilhança alguma, concorreram para abrilhantar a pompa de tão lugubre acto, recordando os varões e matronas que prestaram no enterro de Jesus as ultimas honras ao seu Sacrosanto Corpo. Tão necessario julgaram nossos maiores este adorno do referido figurado n'esta procissão, para avivar a memoria de tão excellentes personagens, e lembrar os actos da sua ardente piedade e compaixão, que no Estatuto da Irmandade de Santa Cruz, um dos mais previdentes e mais bem elaborados que temos lido, consignou a obrigação de apresentar na procissão do Enterro do Senhor as figuras mencionadas, e ainda outras, para que não havia vestuario apropriado, e que porisso não poderam entrar no programma.

As auctoridades civis e os chefes das administrações districtaes acompanharam a procissão, bem como todo o regimento de guarnição com o seu brioso e valente commandante.

O povo affluia tão numeroso, que para a procissão poder entrar no templo foi necessario guarnecer de policia as portas, d'outra sorte seriam invadidas pela multidão, que se apinhou depois d'entro do templo.

Ao recolher, depois de encerrada no sepulcro a sagrada Imagem, subiu ao pulpite o snr. padre Domingos Albuquerque, e prégou o sermão da Soledade da Virgem.

Tambem na igreja dos Remedios se fez este anno a cerimonia da adoração da Cruz.

No sabbado d'Alleluia, depois do suspirado toque dos sinos da cathedral, queimaram-se em diferentes pontos da cidade uns bonecos de papel, chamados Judas. A policia andou-os espreitando, a vêr se descobria allusão a algum personagem que o povo quizesse emparelhar com Judas; mas não obrigou cousa alguma. No entanto os judas crescem de numero a julgar pelos que de anno para anno apparecem n'este dia d'alleluias.

No domingo celebrou o venerando prelado missa de pontifical e deu benção papal na fórma costumada.

Por ultimo consignaremos um facto digno de menção especial, qual é o de ter subido ao pulpite na quinta-feira-mór, depois da pathetica cerimonia do lava-pedes, o dignissimo prelado, o snr. D. João Chrysostomo. Não occultaremos a satisfação que nos causou vêr um prelado portuguez, o Primaz das Hespanhas, alçar a voz d'aquella eminencia sagrada para persuadir ás suas ovelhas a pratica da humildade e o exercicio da caridade. A linguagem do pastor bracarense, sem redundancias nem atavios, mas eloquente e persuasiva, prendia a attenção e calava profundamente nos corações. Graças a Deus já o pulpite da Sé Primacial tem um prelado que não teme subil-o.

Até aqui o lado religioso d'estas augustas solemnidades da Religião Christã.

Infelizmente, porém, mais uma vez offereceram ellas aos olhos das pessoas catholicas que frequentaram os templos n'esses dias, o seu lado immoral e sacrilego que lhes tem introduzido uma horda desgraçadamente bem numerosa de libertinos refinados que os convertem em theatro de abominaveis escandalos. Nada diremos porém sobre essa materia, que irá sendo tratada até o fim em secção á parte, n'este jornal.

O protestantismo em Braga.

Occupamo-nos ha pouco do vendedor de biblias falsas que appareceu nas proximidades d'esta cidade. Recebemos a este respeito mais um escripto, sem que lhe tenhamos podido dar publicidade, por nol-o impedirem absolutamente os estreitos limites da nossa folha.

Promettemos então fallar de mais outro facto, que veio corroborar-nos na convicção de que tem perpassado por esta cidade uma *aragem protestante*, que deve preocupar muito seriamente as auctoridades competentes, as quaes, para bem desempenharem a sua missão, jamais devem olvidar esta sapientissima maxima: *Principiis obsta: sero medicina paratur, cum mala per longas invadere moras.*

O facto de que vamos fallar é, nem mais, nem menos, que aquelle que, ainda não ha muito, stygmatisamos n'uma local que tinha por epigraphe—*Uma horda de sacrilegos.*

São decorridos muitos dias depois que elle se deu e porisso crêmos que se o leitor não tem julgado que nos esquecemos da nossa palavra, por certo os auctores da referida *gentileza* devem ter esfregado as mãos de contentes, observando o nosso silencio.

Enganaram-se redondamente, porque vamos rasgar-lhes o véu da illusão, *d'es-se engano d'alma ledo e doce, que a ventura não deixa durar muito.*

A despeito das pressões que teem pretendido exercer sobre nós, apelando para pedidos, influencias e outros meios, não lograram, nem lograriam, de fórma alguma, tolher-nos a penna, que consagramos desde sempre á sustentação da Verdade e da Justiça e á profligação do erro e do mal.

Até hoje, mercê de Deus, não a poluímos, nem a vendemos ao adversario; e, se um dia, por desgraça, houvermos de escutar a voz da mal entendida prudencia, deixando de a brandir todas as vezes que de nós o exija a verdade e o bem, então pedimos a Deus nos inutilise a mão que a maneja.

Entremos no assumpto.

Na semana anterior á da semana Santa fizeram-se n'esta cidade muitas via-sacras, pelas ruas, segundo é costume, muito piedoso e antigo.

Ao declinar da tarde d'um dos dias d'essa semana, lembrou-se um magote de selvagens encasacados de parodiarem uma d'essas via-sacras, percorrendo as ruas em que estão situados os Passos e arremedando sacrilegamente as rezas e as visitas aos diferentes Passos, em que se fazem as meditações da Paixão, e concluindo a sua via-sacrilega por entrarem no templo de Santa Cruz, onde fizeram entre o jocoso e o sério o mais que é costume resar-se depois que a via-sacra recolhe ao templo.

Terminado o acto, estes patifes debandaram incolumes e talvez anceosos por segundarem nova gentileza, que, a realisarem-n'a, lhes ia ficar muito cara.

E' assombroso que um tal facto se tivesse consummado na cidade que se ufa na do nobre e glorioso titulo de *Roma Portuguesa!*

Elle dá a justa medida para poder avaliar-se com segurança do estado de decadencia religiosa e moral a que tem descido, ha alguns annos a esta parte, a cidade da Braga.

Um fermento de impiedade, que promette um futuro muito triste se tem desenvolvido e medrado, ha muito, sem que se tenha procurado—triste é dizelo—atalhar os progressos do mal, nem lançando mão dos meios mais obvios e mais faceis.

Não levantaremos mão d'este assumpto.

Sabemos que estas verdades com suas apreciações, sobre serem amargas, para os que dormitam, em vez de velarem, n'estes tempos calamitosos de descrença e immoralidade, vão tambem desacreditar-nos aos olhos dos estranhos, gregos e troianos, que reputam a capital do Minho baluarte inexpugnável das nossas sanctas crenças.

Sentimol-o profundamente, mas entendemos cumprir um dever, comquanto realmente pungente e doloroso.

Nossa não é, por certo, a culpa, mas de quem nos obriga ao dissabor de dizer verdades e de stygmatisar attentados, que podiam ter-se prevenido, ou ao menos, remediado, embora mais valha prevenir que remediar.

Não nos demoraremos agora em commentar a enormidade do delicto que dei-

xamos exposto. E' elle, de per si, bastante para magoar profundamente as almas christãs e despertar a attenção das auctoridades que estão constituídas na obrigação de velar pela inviolabilidade das nossas crenças, pelo respeito nos templos e pela pureza das nossas mais justas devoções.

O leitor verá tambem na secção competente um communicado que, ha dias recebemos d'um illustrado cavalheiro de esta cidade e que, por carencia d'espaco, só hoje pudemos inserir. Esse escripto o elucidará mais sobre o facto de que nos temos occupado.

No entanto, conhecedores, como estamos hoje, dos individuos que fizeram parte d'essa horda de sacrilegos que no domingo da Paixão parodiou o piedoso e edificante costume das *via-sacras*, não podemos terminar sem que soltemos um grito de dôr ao vermos envolvidos n'ella fillos de familias illustres, que foram sempre notaveis e benemeritas pela pureza dos seus costumes, pela austeridade da sua educação e pela firmeza das suas crenças!

D'envolta com as pedras que, momento a momento, não desabando dos velhos palacios da antiga nobreza, parece irem caindo igualmente em ruínas os sentimentos nobres e elevados e as sanctas crenças que sobredoiavam os braços de nobreza de seus moradores!

Como as familias tem degenerado!

Que é feito da austeridade das antigas educações que davam á familia chefes, como deveram vel-o, á patria cidadãos probos e honestos e á Igreja fillos submissos e ministros escravos dos seus altissimos deveres?

Tudo se ha estiolado ás rajadas pestilentas do liberalismo que nos atrophia!

Abordamos a uma situação lastimosa e incompreensivel! Nem sabemos o futuro que nos espera, nem as consequencias a que seremos arrastados.

Tristissimos dias ameaçam a sociedade!

A. M.

CHRONICA ESTRANGEIRA

Mais uma tentativa de regicidio. D'esta vez os tenebrosos planos do socialismo ou do nihilismo; sua ultima expressão, dirigiam-se ao imperador de todas as Russias. Felizmente o czar poud escapar; mas, como muito bem diz um insuspeito chronista, é muito para recear que não escape de outra. E' deveras pavoroso o incremento que na Russia tem tomado essa horrorosa seita inspirada pelo inferno—o nihilismo.

Mas não nos surprehe de que assim seja. As doutrinas do maldito liberalismo não podiam ter outras consequencias. Elle que tudo tem reduzido ao cahos mais horripilante, ha de acabar a sua obra. N'um brevissimo lapso de tempo temos já a registrar cinco tentativas de regicidio: o imperador da Alemanha foi objecto de duas, o rei da Italia de uma, e o rei da Hespanha de outra. A quinta é a de que vimos fallando. E' ainda não se desenganarão aquelles que se sentam nos thronos pelo brutal direito da força, ou que teem por conviva a Revolução?

—A imprensa estrangeira commenta muito e variadamente a viagem do *cherce* dos dois milhões a Roma.

Não deixam de ser curiosos os boatos que teem circulado a este respeito. Diz um correspondente da cidade eterna que é muito verosimil que o objecto de Garibaldi é unicamente de apresentar pessoalmente as suas homenagens á soberania d'Inglaterra, a qual está actualmente na Italia, e que, segundo o alludido correspondente, quando Garibaldi foi pela primeira vez áquelle paiz, tal influencia exerceu sobre elle que *tornou monarchico* o que então era exaltado republicano na sua ilha.

Será assim, será. Mas então que significa essa agitação que traz o governo em polvorosa, desde que elle não conseguiu impedir a fuga de Caprera? Que significam as reuniões dos chefes democratas em casa do bulhento revolucionario? Que significam as demoradas conferencias, sem testemunhas, que com elle tem tido Humberto de Saboia?

O que for, soará.

—O infame projecto de lei sobre o ensino, de Julio Ferry, continua a excitar a maior indignação, tanto dos catholicos francezes como dos do mundo inteiro.

O venerando episcopado da França tem

proseguido a lucta contra esse nefando projecto, enviando ás camaras ou ao presidente da republica petições e protestos os mais vigorosos. Até hoje ha os seguintes:

Petição dos arcebispos e bispos fundadores da Universidade d'Angers:—arcebispo de Tours; bispos d'Angers, do Mans, d'Angoulême, de Nantes, de Luçon. *Adresse da provincia ecclesiastica de Rouen:*—cardeal de Bonnechose; bispos de Séez, Bayeux, Evreux, Contances. *Carta de Monsenhor de Laval a Monsenhor o arcebispo de Tours.* *Carta dos bispos da provincia ecclesiastica de Paris ás camaras:*—cardeal Guibert; arcebispo de Larisse; bispos de Meaux, Chartres, Blois, Versailles, Orléans. *Adresse dos bispos da provincia de Cambrai ás camaras:*—cardeal Regnier; bispo d'Arras. *Protesto dos bispos da provincia de Besançon:*—arcebispo de Besançon; bispos de Nancy, Verdun, Belley, Saint-Dié. *Petição dos bispos da provincia de Lyon:*—cardeal Caverot; bispos d'Autun, Langres, Dijon, Saint-Claude, Grenoble. *Carta do cardeal Donnet ao presidente da republica.* *Carta dos bispos da provincia de Reims ao presidente da republica:*—arcebispo de Reims; bispos de Châlons, Amiens, Soissons, Beauvais. *Adresse dos bispos da provincia de Toulouse ás camaras:*—arcebispo de Toulouse; bispos de Pamiers, Montauban, Carcassonne. *Adresse dos bispos da provincia de Sens ás camaras:*—bispos de Moulins, Troyes, Nevers. *Petição dos bispos da provincia de Alger ás camaras:*—arcebispo de Alger; bispos de Constantine, Oram. *Petição dos bispos da provincia d'Avignon ás camaras:*—arcebispo de Avignon; bispos de Montpellier, Valence, Nîmes, Viviers. *Petição dos bispos da provincia de Bourges:*—arcebispo de Bourges; bispo du Puy, Limoges, Saint-Flour, Evrieux (coadjutor de Clermont) Tulle. *Protesto dos bispos da provincia de Aix:*—arcebispo de Aix; bispos de Digne, Gap, Fréjus, Ajaccio, Nice, Marseille.

Os alumnos das Universidades catholicas estão dando tambem grande impulso a este movimento, que se propaga por toda a parte.

—Da guerra do Afghanistan ha poucas noticias. Uma correspondencia d'origem ingleza refere que um corpo de 5:000 khugianis que atacara as tropas do general Gough, foi repellido com uma perda de cerca de 400 homens. Das forças inglezas foram mortos seis officiaes e trinta soldados.

—Dizem de Constantinopla que acerca da questão sobre a delimitação das fronteiras gregas, é provavel um accordo, concedendo Preveza á Grecia, mas não Janina.

—Os negocios do Egypto continuam a chamar a attenção das potencias europeas. O golpe d'estado effectuado pelo vice-rei foi um desafio á Inglaterra e á França. A imprensa d'estas duas nações commenta largamente essa questão. E' duvidoso que uma e outra recebam de bom grado a maneira cavalheiresca de que o khediva usou a respeito dos dois ministros europeus, a Inglaterra principalmente que precisa de sustentar uma certa preponderancia no Egypto. E' uma nova questão do Oriente que se levanta, no momento em que a outra está bem longe de ser resolvida. E' de crer que surjam graves acontecimentos por este lado, se o vice-rei não for assaz razoavel para dar as satisfacções que lhe sejam pedidas, ao que, segundo participações anteriores, não parece estar nada disposto, preferindo recorrer ás armas. Communicam de Londres que o Sultão fiserá saber ao governo inglez que desapprovava o procedimento do khediva, estando resolvido a destitui-lo, e a revogar o firman de 1866. As folhas inglezas e francezas são de opinião que deve ser a Grã-Bretanha que tome a iniciativa n'este assumpto, accentuando a sua attitude.

Lisboa, 16 de abril de 1879.

(Do nosso correspondente).

Isto continúa a andar como começou em 1834.

O liberalismo, isto é, a gente, que defende a dynastia, que veio das terras de Santa Cruz, desfraldou no paiz o labaro da impiedade, e da immoralidade, e é incapaz de o enrolar.

Porisso, ainda no sabbado santo a policia permitiu, se não applaudiu, mais outra parodia indecente de um dos actos

mais graves do campo catholico—a predica; pois percorreu as ruas de maior transito d'esta cidade uma carroça indecente, com algumas figuras abjectas dentro, e no mais alto d'ella um pulpito, d'onde um dos *farçantes* orava ás multidões de maltrapilhos, que se acercavam da referida sentina de ideias tão deletérias, como stultas, despejando golfadas de irreverencias, e de ultrajes á moral publica.

Não se acreditaria, se o não víramos, que se tolerem na capital da monarchia fidelissima scenas tão repugnantes, e tão attentatorias dos principios religiosos d'esta pobre nação portugueza.

Quando permitirá Deus que o povo se liberte de tamanha oppressão, e de tamanho opprobrio?

Tem estado perigosamente enferma a esposa do Snr. D. Luiz.

Parece-me ter-vos dito n'uma das minhas ultimas correspondencias que achava inverosimil o casamento de D. Affonso, de Hespanha, com uma princeza austriaca; e uma das folhas estrangeiras veio logo depois dizer-nos que não havia motivo plausivel para se acreditar que se viesse a effectuar aquelle enlace.

E' mister não confundir a familia imperial austriaca com os revolucionarios de lá.

E' immensa a distancia que os separa, posso asseverar-o sem receio.

Os imperadores d'Austria, e os archiducos, embora o liberalismo tenha levantado o collo n'aquelles estados, não são *liberaes*, isto é, não estão identificados com os principios incompatíveis com a auctoridade, e o prestigio, que deve de ser inseparavel dos thronos.

Eu sei a consideração, que mereceu sempre áquelle augusta familia o Snr. D. Miguel I, e a consideração que a corte de Austria nutre pelo augusto representante da monarchia legitima portugueza.

O tempo não tem estado bom. Domingo de Paschoa esteve um verdadeiro dia de inverno.

No referido dia publicou o «Diario de Noticias» um artigo sobre a doença da sr.^a D. Maria Pia, que, á parte as lições cortezãs, e as suppostas popularidades da dynastia, mais parece obra de algum fillo da boa escola, do que saído da redacção d'aquelle jornal. Elle attribue, com razão, á immoralidade actual os males da sociedade, e faz sentir o quanto lhe é nocivo o mau exemplo, que vem das altas regiões.

Sem querer, fugiu-lhe a bocca para a verdade, e deu uma boa correcção aos que, aliás, ali defende, e endensa.

Será tudo fructo da ultima confissão quaresmal? Quem sabe se temos ainda de ver o bom jornal dos Calafates ir habitar a serra d'Ossa, ou da Arrabida, tornando-se exemplo de vida ascetica, e penitencia?

O celebre, bem tristemente celebre, guerrilheiro Garibaldi, já com os pés para a cova, ostenta-se ainda cada vez mais impenitente. Agora está em Roma agitando as turbas impias, e demagogicas, ante as quaes arvorou a bandeira do suffragio universal, como um dos meios, de certo, de levar agua ao seu moinho. O homem não pôde estar por muito tempo quieto. Recordame um dos caudilhos *liberaes*, de maior vulto, cá da nação, para o qual, até os seus ultimos dias, quasi a revolta contra a auctoridade constituida, legitima, ou illegitima, era o mais deleitavel dos prazeres possiveis. E todavia, á parte a sua *rea* revolucionaria, era um caracter dos mais amaveis, que tenho conhecido, e o unico estadista *liberal*, a quem os officiaes realistas devem algumas finezas.

Diz-se que sahem do ministerio o Sampaio, e o Carvalho, logo que se fechem as côrtes, e que entrarão Lobo d'Avila, e Julio de Vilhena. Este para as obras publicas, e aquelle para a fazenda. O Serpa ficará com outra pasta.

Publicou-se o n.º 4 do «Jornal do Povo», recheado de boa doutrina, e exemplos de caridade christã. Applaudo mormente, o modo, como a nobre redacção da alludida folha se dirige á «Familia» em defesa propria. A dignidade do escriptor polido, e realmente catholico brilha alli em todo seu esplendor.

O liberalismo continúa as suas proezas na Russia. Em Lisboa recebeu-se hontem um telegramma dizendo que se attentára contra a vida do imperador Alexandre, sobre quem dispararam alguns tiros de revolver.

São em toda parte o mesmo: na Russia, na Prussia, na Austria, na França, na Italia, na Hespanha, em Portugal, etc.

Assassinos, sacrilegos, incendiarios, ex-

poliadores, devassos, oppressores, e desordeiros por indole, e systema.

Mas os reis legitimos teem culpa. Elles, e os seus conselheiros. Teem querido contemporisar com os seus apostados inimigos, e estão colhendo as consequencias.

E oxalá que não seja muito tarde já quando abrirem os olhos!

São os votos do

Vosso dedicado correspondente

A.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de todo o arcyprestado de Barcellos que, podem satisfazer suas assignaturas ao rev.^{mo} snr. padre Manoel Sebastião d'Almeida Peixoto, muito digno secretario do snr. Arcipreste, que tem já em seu poder, todos os recibos, não só os do «Commercio do Minho», como também os da «Semana Religiosa». Porisso lhes rogamos a fineza de se dignarem satisfazer os seus debitos, com a possível brevidade, áquelle rev.^{mo} snr.

GAZETILHA

Chronica religiosa. — Amanhã: — Na Sé procissão do Santissimo. — Exposição do Santissimo no Salvador.

Romaria. — Tem amanhã logar a romaria de S. Gregorio, no alto do monte assim denominado, nos suburbios d'esta cidade.

Doença. — Acha-se gravemente enferma na sua casa de S. Jeronymo de Real a snr.^a D. Anna Maria de Magalhães, tia do snr. José Peixoto de Magalhães, estimado cavalheiro d'aquella localidade.

Brinde á Juventude catholica no dia da primeira Communhão. — Assim se intitula um formoso e elegante livrinho devido á penna do snr. padre Patricio, e editorado pela casa Chardron.

Contém excellentes trechos próprios para edificar os corações na virtude e nas praticas religiosas, escriptos com encantadora singeleza.

E' um livrinho de 122 paginas, impresso em optimo papel e adornado de primorosas vinhetas. Custa apenas 120 reis.

Conferencia de S. Vicente de Paulo. — Parte amanhã para o Porto a benemerita Mesa da Conferencia de S. Vicente de Paulo, que em companhia do snr. padre Senna Freitas vai assistir á inauguração d'uma igual instituição na cidade da Virgem.

Nunca será assaz encarecida a Conferencia de S. Vicente de Paulo, fonte perenne de beneficios para os desprotegidos da sorte.

Missa nova. — Canta amanhã pela primeira vez missa, na igreja parochial de Perre, concelho de Vianna do Castello, e sua naturalidade, o joven levita e nosso presado amigo, o rev.^o snr. padre Antonio de Barros de Carvalho.

O snr. padre Carvalho foi sempre um estudante distinctissimo pela sua intelligencia e applicação, e eredor das mais altas sympathias pela excellencia das qualidades de que é adornado.

Enviando o mais cordeal parabem ao nosso esclarecido amigo, felicitamos igualmente a sua illustre familia.

Obra interessante. — Tal nos parece a que se intitula *Maravilhas da criação, ou Historia e descripção illustrada dos animaes, comprehendendo mamiferos, aves, reptis, e peixes* — sua classificação scientifica, caracteres, habitos, usos e instinctos — Enriquecida na parte respectiva ao homem com as noções mais essenciaes de anatomia e physiologia. Compilação das obras dos mais notaveis naturalistas estrangeiros, por PEDRO M. POSSER.

Recebemos a primeira folha d'esta obra, que está sendo impressa com a proverbial nitidez da typographia de Dullemant Frères, Lisboa.

Methodo João de Deus. — O snr. Joaquim José Alves d'Araujo, director do Collegio Academico, fará nos dias 21, 27 e 31 do corrente, no edificio do lyceu, preleções publicas em que explicará o methodo João de Deus.

Historia Popular dos Papas. — Publicou-se o fasciculo n.^o 13 da *Historia Popular dos Papas*, editorada pela *Livraria Internacional* de Teixeira de Freitas.

Já por vezes temos escripto sobre o grande merecimento d'esta publicação, com que o seu editor presta um excellentes serviço á causa da religião.

Balancetes. — Temos recebido varios balancetes d'alguns bancos d'esta cidade. Devemos declarar que não estamos dispostos a dar-lhes publicidade, sem que para isso nos satisficam o respectivo imposto, como outros o estão fazendo.

La Natureza. — Recebemos o n.^o 70 da *Natureza*, publicação illustrada cujo fim é pôr ao alcance de todos os progressos scientificos modernos.

Eis o seu summario: — Funcções motoras do cerebro — A rã azul — O archipelago canario e seus habitantes primitivos — A collecção de Froberville no Museu de Paris — A inundação de Szegedin na Hungria — Miscellanea — A peste na Russia.

Contém 11 formosas gravuras. Assigna-se em Madrid, na rua Pizarro, n.^o 15.

Atravez da provincia. — Falleceu nos primeiros dias d'este mez, na villa da Ponte da Barca, victima d'uma febre que em poucos dias a arrebatou aos carinhos dos seus, a exc.^{ma} snr.^a D. Maria da Paz de Lucena Azevedo Faro e Tovar Menezes, filha da exc.^{ma} snr.^a D. Maria Escolastica de Azevedo e irmã da exc.^{ma} snr.^a D. Antonia Alexandrina de Lucena e do exc.^{mo} snr. D. Francisco de Faro e Noronha.

— A junta de parochia da freguezia de S. Pedro da Torre do concelho de Valença, pediu ao governo para que se construa uma passagem de nivel a pé sobre a linha ferrea do Minho, no sitio denominado do «Forte».

— Na semana passada falleceram em Vianna 4 pessoas.

— A camara municipal do concelho de Ponte do Lima vai estabelecer uma loja de repeso na rua 28 d'Agosto, d'aquella villa, em casa do snr. Caetano Maria Dantas Soares, onde as pessoas que comprarem carne no açougue irão verificar se o pezo é legal.

— A camara municipal de Ponte do Lima votou o subsidio de 300\$000 reis para qualquer collegio que se estabeleça n'aquella villa, onde se ensinem as disciplinas do 1.^o e 2.^o grau de instrucção publica.

— Falleceu em Caminha aonde residia ha annos, o snr. Miguel Carlos de Barbosa, tenente reformado.

— Falleceu em Ponte do Lima a snr.^a D. Custodia Justina Perestrello, mãe do snr. Joaquim Perestrello Marinho Pereira.

— Os preços dos cereaes no ultimo mercado semanal da cidade de Guimarães, foram os seguintes:

[Duplo-decalitro]: Trigo, 900 — Centeio, 680 — Milho alvo, 680 — Milhão branco, 650 — Milhão amarello, 630 — Painço, 550 — Feijão vermelho, 1\$100 — Feijão branco, 940 — Feijão amarello, 640 — Feijão fradinho, 600 — Feijão rajado, 600 — Batatas, 540 — Azeite (litro), 260 — Vinho (litro), 80.

A caridade publica. — Recomendamos muito e muito ás pessoas caritativas Leonardo da Silva Guimarães. O seu estado de penoria é extremamente doloroso. Pedimos que pelo amor de Deus, se lembrem de o socorrer. Mora na rua dos Sapateiros, n.^o 24.

CORREIO

Castro Daire. Snr. Joaquim Dias Coelho. Recebemos a importancia e agradecemos.

SECÇÃO DE COMUNICADOS

Snr. redactor.

E' muito verdade o que v. disse, ha pouco, na secção noticiosa do seu excellentes jornal com relação aos garotos engratados que tiveram a ousadia de percorrer os Passos que representam a Paixão de N. S. Jesus Christo, como uma parodia ás via-sacras.

Mas, snr. redactor, o que me parecia inacreditavel, se o não visse, é que em pleno dia e na nossa augusta Braga, taes patifes não tivessem recebido o premio das suas gentilezas, pois eram 3 horas da tarde do Domingo da Paixão, quando

se commetteu este monstruoso attentado contra a nossa santa religião. E a policia dormia? Silencio....

E quem eram os sacrilegos farçantes, que tiveram o desmedido arrojo de insultarem assim devoções tão piedosas e venerandas?!

Conhecemos a maior parte d'elles, taes como tres estudantes por nomes (1)..... de parceria com o irmão d'um titular d'esta cidade, bem conhecido pela nobreza, pela virtude, e pelas crenças que sempre nobilitaram a sua casa e os seus antepassados. Era o snr....

Isto foi o que mais nos confrangeu o coração. Tristissimo, mas infallivel symptoma de decadencia a que tem chegado a sociedade!

Observamos também que a auctoridade competente se retirou da porta da sua casa, omitindo infelizmente o cumprimento dos seus deveres em caso que tão urgentemente pedia a sua intervenção.

Em homenagem á verdade, devo ainda accrescentar, snr. redactor, que essa horda de sacrilegos, como tão acertadamente v. os denominou, não teria consumado o sacrilego attentado n'esta cidade sem um acto terrivel da *justiça popular*, se se houvessem tornado mais conhecidos e salientes, e não tivessem illudido muitos dos que presenciam o que faziam, com uma seriedade apparente e um certo recolhimento, que o temor e o remorso os obrigou, por vezes, a fingir.

Uma testemunha ocular.

Snr. redactor.

Vou levar ao conhecimento de v. e do publico um facto que acaba de dar-se n'esta minha igreja parochial de S. Thiago da Cruz. Sinto fazel-o, sobretudo pelo auctor d'elle ser um sacerdote, meu parochiano, mas entendo dever assim proceder para stygmatisar um acto altamente condemnavel.

Ha dias o rev.^{mo} padre Joaquim Ferreira da Costa, consentiu que se apresentasse á sagrada meza da communhão um seu creado que ignorava o que um christão deve saber *necessitate medii ad salutem* e o qual, porisso mesmo, preveni de que não fosse á Sagrada Meza, sem se preparar convenientemente. Elle, porém, desobedeceu, d'onde resultou o eu ter de lhe recusar a administração do Sacramento, em cumprimento dos deveres do meu ministerio.

Comtudo, este facto foi excitar as iras do rev.^{mo} padre Joaquim Ferreira da Costa, que teve o arrojo de vingar-se, mandando um irmão á igreja para me insultar e este assim o fez dentro do templo, faltando ao respeito devido ao seu procho e por elle ter cumprido escrupulosamente com o seu dever. Não commento o facto. Os leitores que o apreciem. Mas ao snr. padre Joaquim Ferreira da Costa, sempre lembrei que, por todos os titulos, estava obrigado a proceder melhor e a educar os seus familiares, ao menos na doutrina christã, porque devia saber que o bem da sociedade depende da educação christã que os paes dão a seus filhos e os amos a seus domesticos. Como padre, não devia também esquecer-se que não podia querer que a Sagrada Communhão fosse administrada a quem não levava as disposições necessarias e prescriptas por ignorar o Credo, as Pessoas da Santissima Trindade e toda a doutrina, n'uma palavra. Esperarei que se reconsidere e concorde com o que lhe digo. Por hoje fico por aqui.

Pela inserção d'estas linhas lhe fica summamente grato, snr. redactor, e que é

De v. etc.

Março de 1879.

Abade de S. Thiago da Cruz.

(1) Pedimos desculpa ao esclarecido auctor do presente communicado, por omittermos os nomes dos criminosos. Fazemol-o simplesmente por espirito de caridade, comquanto talvez não podessemos ser apodados de pouco caritativos, se revelassemos os seus nomes, uma vez que fôra publico e notorio o attentado que ousaram perpetrar, com flagrante violação de todas as leis.

COMPANHIA FENIX.

Srs. redactores do «Commercio do Minho».

Rogo a vv. o favor da publicação no seu acreditado jornal da carta que aqui incluo, pelo que lhe ficará summamente agradecido, o

De vv. etc.

S. C. 18—4—79.

O agente da companhia

Joaquim Ilydio Oliveira de Carvalho.

Ill.^{mo} Snr.

Cumpro um agradável dever dirigindo-me por este meio a V. S.^a, para lhe agradecer e á companhia Fenix, de que é digno representante, o modo honroso como se houveram para comigo na indemnização que a companhia promptamente me satisfiz pelos prejuizos causados no meu predio do Sardoal, segurado na mesma companhia, pelo incendio que n'ella se manifestou na manhã de 27 de março ultimo findo.

A solução que a companhia rasgadamente deu á divergencia de peritos na louvação dos prejuizos causados, accetando de preferencia os orçamentos a que conscienciosamente procedi, não obstante a differença para menos dos louvados da Companhia; assegura mais, uma vez a confiança e o credito de que a Companhia é realmente credora.

A punctualidade, o interesse em bem satisfazer ao segurado, e, finalmente, o modo attencioso e delicado com que V. S.^a se houve n'este negocio para commigo, não só corresponde á alta cathegoria da Companhia Fenix, como obriga ao meu reconhecimento e gratidão.

Autorisando a V. S.^a a poder fazer o uso que entender d'este meu testemunho de agradecimento

Sou de V. S.^a
mt.^o att.^o v.^o cr.^o

Braga, s. c. 17—4—79.

Ill.^{mo} Snr. Joaquim Ilydio Vieira de Carvalho, dignissimo agente da Companhia Fenix.

(2367) José Vicente Alves da Motta.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial da Madeira, em 28 de fevereiro de 1879.

Activo:

Accções por emittir . . .	600:000\$000
Letras descontadas e a receber . . .	180:428\$078
Diversos devedores . . .	59:158\$918
Agencias no paiz . . .	9:236\$605
Gastos de instalação . . .	2:834\$341
Sello em 6:100 accções . . .	610\$000
Moveis e utensilios . . .	1:423\$623
Edificio do Banco . . .	5:135\$499
Hypotheas de raiz . . .	95:195\$490
Juros a liquidar . . .	891\$925
Emprestimos sobre penhores . . .	18:313\$505
Contas correntes garantidas . . .	202:512\$168
Papeis de credito . . .	32:410\$000
Letras em execução . . .	4:260\$000
Caixa existencia em cofre em metal . . .	41:552\$593
	1.253:963\$545

Passivo:

Capital . . .	1 200:000\$000
Obrigações a pagar . . .	15 869\$093
Depositos á ordem . . .	1:093\$930
Fundo de reserva . . .	5:170\$282
Diversos credores . . .	2:283\$381
Dividendo a pagar . . .	347\$945
Lucros e perdas . . .	29:198\$894
	1.253:963\$545

Pelo Banco Commercial da Madeira

Os Directores

J. de Salles Caldeira.
(2363) José Paulo dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados extremamente penhorados para com todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. e snr.^{as} que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada e idolatrada esposa e mãe, Maria Valentina de Sousa Cruz Vianna, agradecem por este meio, enquanto o não fazem pessoalmente, protestando a todos indelevel e profunda gratidão.

Manuel José da Silva Araújo Cruz.
Elvira Adelaide de Sousa Cruz Vieira.
Filomena Benedicta de Sousa Cruz Vieira.
João Maria de Sousa Cruz Vieira (auzente).
Manuel Maria de Sousa Cruz Vieira.
Francisco Casimiro de Sousa Cruz Vieira.
(2365)

Os abaixo assignados agradecem, muito penhorados, a todas as pessoas, que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu mano e cunhado, João Manoel Pinheiro Torres e Almeida.

Maria Amelia Pinheiro Torres
Francisca Casimira Teixeira Pinheiro Torres
Antonio Maria Pinheiro Torres.

Os abaixo assignados, servem-se d'este meio para agradecerem a todas as pessoas de sua amizade e relações que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua sempre chorada irmã e tia D. Francisca Benedicta d'Aguiar, e assistiram aos officios funebres que por sua alma tiveram logar na igreja de S. Francisco d'esta cidade no dia 2 do corrente mez.

A todas se confessam penhorados, e lhes protestam sua indelevel gratidão.

Braga 18 de abril de 1879.

Marianna de Jesus Aguiar.
Margarida Angelica Aguiar.
Joaquina d'Assumpção Aguiar.
Padre Manoel Martins d'Aguiar. (2368)

Penhoradissimos para com todas as pessoas que tanto nos obsequiaram por occasião do fallecimento e enterro do nosso presado irmão e tio, o revd.^{mo} padre Luiz Peixoto de Magalhães, abade de Padim da Graça, especialmente para com os revd.^{os} ecclesiasticos pelos distinctos serviços que lhes prestaram; por este meio veem consignar-lhes um profundo testemunho de gratidão e reconhecimento indelevels. Pedem desculpa de o não fazerem pessoalmente.

Anna Maria de Magalhães
Catharina Candida Vieira Magalhães
José Peixoto de Magalhães. (2364)

José Justino Fernandes Dias, Dom Caetano de Portugal, ausente, D. Maria Rita da Silva Dias, Dom José de Portugal, ausente, D. Pedro de Portugal, ausente, Antonio Candido da Silva Amorim e Manoel José da Silva, agradecem penhorados a todos os cavalheiros que se dignaram assistir ao responso de sepultura que houve logar na capella do Cemiterio por alma de D. Maria José de Portugal, sua esposa, filha, nora, irmã, cunhada e sobrinha, e bem assim a todos aquelles snrs. que os cumprimentaram pelo fallecimento da mesma senhora.
(2337)

Andreza da Costa Bezerra Braga (auzente), Rosa das Neves Simões, Thereza de Jesus Simões, Joaquina Simões, Maria Simões, José Simões Braga (auzente), Manoel Simões Braga, José Fernandes, Bento José Salgueiro, e João Trindade de Freitas, nora, filhos e genros da falecida Antonia Maria Simões, não o podendo fazer pessoalmente, agradecem por este meio a todas as pessoas da sua amizade o caridoso obsequio que lhes fizeram, acompanhando, da sua casa a igreja, e cemiterio, o corpo de sua sempre presada mãe e sogra, bem assim a todos os que lhes deram seus sentidos pezames, confessam o seu profundo reconhecimento.

Braga 16 de março de 1879. (2316)

ANNUNCIOS

DECLARAÇÃO

Maria das Dóres Gomes, viuva de Manoel Gomes, ex-feitor da casa das Hortas, d'esta cidade, e moradora na rua da Boa-Vista, n.º 135, declara que não tem dividas algumas. Se porém houver alguém que se julgue no direito de credor com relação á mesma, a annunciante pede para que assim se lh'o faça saber, afim de evitar complicações na eventualidade do seu fallecimento. (2366)

DECLARAÇÃO.

Domingos José Vieira Machado declara, que desde o dia 17 do corrente despendeu do seu estabelecimento de drogas o seu ex-caixeiro Manoel José Martins. (2369)



Vende-se um piano forte, do auctor Pleyel, de sete oitavas e 3 cordas; não tem um anno de uzo e dá-se por 52 libras sendo de custo de 64. Para informações, rua do Carvalho, n.º 48. (2359)

Está aberto o cofre Municipal para a cobrança voluntaria da derrama directa de 1878-1879, desde o dia 21 do corrente até 20 de maio proximo futuro, e desde as 9 horas da manhã até ás 2 e meia da tarde, todos os dias menos os sanctificados. E previne-se o publico, de que os remissos ficam sujeitos ás mesmas penas estabelecidas para as contribuições da fazenda publica, além das custas da execução quando sejam relaxados.

Braga 17 de abril de 1879.

O escrivão da camara

(2360) Antonio Manoel Alves Costa.

SORTE GRANDE

REIS 90:000\$000

EXTRACÇÃO DE 5 D'ABRIL DE 1879

ESTABELECIMENTO DE LOTERIAS

327, RUA DE SANTA CATHARINA, 331

PORTO

João Marques d'Almeida Castro, affiançado no governo civil do Porto, com estabelecimento de loterias na rua de Santa Catharina n.ºs 327 a 331, tem a honra de participar aos seus amigos, freguezes e correspondentes da provincia, que da loteria que hontem se extrahi, vendeu no seu feliz estabelecimento (aberto em cautelas de diversos preços) parte do bilhete n.º 6215 premiado com 500:000 pesetas ou reis 90 contos. O mesmo faz publico para que os interessados apresentem as fracções que tiverem do dito numero para assim receber o premio que lhes pertencer.

N. B.—Como se vê por outro annuncio publicado n'este jornal continua a ter á venda bilhetes e fracções para as seguintes loterias.

Porto 6 d'abril de 1879. (2358)

CONTRA-ANNUNCIO

As preleções publicas d'ensino primario pelo methodo do dr. João de Deus, annunciadas para os dias 17 20 e 24 do corrente, no Lyceu d'esta cidade, pelas dez horas da manhã, ficam addiadas para 24 27 e 31 do mesmo, nos ditos local e hora.

Braga, 14 de abril de 1879.

O Escrivão da Camara

(2356) A. M. Alves Costa.

Fabrica de papel de Ruões

Papel de impressão e de embrulhos de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27—
(2340)

HOSPEDARIA AGUIA D'OURO

PROPRIETARIO: Joaquim Bernardo da Silva

RUA DO CAMPO

(ANTIGA PORTA DE S. FRANCISCO)

E' com o citado novo titulo que d'ora em diante se denominará a antiga hospedaria da Porta de S. Francisco. A gerencia da mesma continua a cargo do seu proprietario, o qual continua a encargar-se de encomendas concernentes á sua arte de cosinha, e das acreditadas frigideiras. (2361)

CONFEITARIA CENTRAL

15—RUA DE S. MARCOS—15

Acabam de chegar a este estabelecimento boas qualidades de amendoas e cartanagem, caixinhas e queques. Enfeita pão de ló, e mais objectos proprios para folares—que tudo vende por preços muito rasoaveis. (2348)

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZ E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de porte sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madreperola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

PADRE SENNA FREITAS

CRITICA A' CRITICA

Preço 120 reis.

A' venda no Porto, Livraria Portuense, editora, 121—Rua do Almada—123, e nas principaes livrarias de Coimbra, Lisboa e Braga.

Empreza editora de Francisco Arthur da Silva—Lisboa.

BRINDE

A TODOS OS ASSIGNANTES

DA

HISTORIA UNIVERSAL

POR

Cesar Cantu

Desde a creação do mundo até 1832—continuada até 1879 por

D. NEMESIO FERNANDEZ CUESTA;

Com a noticia dos factos mais notaveis relativos a PORTUGAL E BRAZIL

Traduzida da edição franceza de 1867 e acompanhada da versão das citações gregas e latinas, e annotada por

Manoel Bernardes Branco

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa; professor das linguas grega e latina, etc.

2.^a edição, illustrada com 81 gravuras primorosamente executadas.

13 volumes in-4.^o grande.

O editor proprietario d'esta publicação, grato aos favores do publico, e compreendendo a necessidade de publicar um 13.^o volume para que esta 2.^a edição da HISTORIA UNIVERSAL fique mais completa, resolveu offerecer aos snrs. assignantes que o auxiliaram n'esta empreza e áquelles que de hoje em diante o continuarem a coadjuvar, como **BRINDE o decimo terceiro volume**, contendo trinta e cin-

co capitulos, seis gravuras e dois indices, sendo o primeiro chronologico e remissivo de toda a *Historia Universal*, servindo para a procura dos factos que n'ella vem exarados, e o segundo alphabetico, contendo os nomes de todos os homens notaveis que figuram na historia, e os titulos geraes de todas as materias, servindo de auxilio ao primeiro.

Comprehendendo a narração desenvolvida dos acontecimentos historicos occorridos desde 1851 até 1879, escriptos em hespanhol por D. Nemesio Fernandes Cuesta, e accrescentados na parte que diz respeito a Portugal e Brazil, por Manuel Bernardes Branco.

Fica portanto completa a segunda edição da HISTORIA UNIVERSAL, em treze volumes in-4.^o grande e custará:

Brochada 20\$000 reis fortes
Encadernada 27\$000

Para facilitar a aquisição d'esta tão importante obra ás pessoas menos abastadas que a não possam comprar de uma só vez, o editor deliberou conservar aberta a assignatura em Portugal e no Brasil. Cada folha de 16 paginas a duas columnas, 50 rs.—Cada gravura primorosamente executada, 40 rs.

Condições da assignatura:—A assignatura pôde fazer-se por entregas de duas folhas, e as gravuras como convier—por fasciculos de cinco folhas e uma gravura, e por volumes brochados.—Cada entrega de 32 paginas e 1 gravura, 140 rs.—Cada fasciculo de 80 paginas e 1 gravura, 290 rs.

CADA VOLUME:

1. ^o vol. br. orn. de 9 grav.	1\$870
2. ^o „ „ „ 6 „	1\$665
3. ^o „ „ „ 7 „	1\$605
4. ^o „ „ „ 5 „	1\$525
5. ^o „ „ „ 6 „	1\$615
6. ^o „ „ „ 6 „	1\$690
7. ^o „ „ „ 6 „	1\$640
8. ^o „ „ „ 6 „	1\$615
9. ^o „ „ „ 6 „	1\$565
10. ^o „ „ „ 6 „	1\$615
11. ^o „ „ „ 6 „	1\$640
12. ^o „ „ „ 6 „	1\$815

13.^o E' ULTIMO, ornado de 6 gravuras, brinde a todos os assignantes, no prelo, GRATIS.

Das 81 gravuras de que consta a obra estão tiradas 45, pertencentes aos vol. 1 a 7.

Este decimo terceiro volume será distribuido depois de completo e brochado a todos os assignantes que tenham pago o decimo segundo volume.

Os assignantes teem as seguintes vantagens:

Garantia e certeza do complemento da obra, e poder receber como e quando quizerem, por entregas, por fasciculos ou por volumes.

DINHEIRO A JURO

A confraria de N. Senhora da Apresentação, de S. João do Souto, tem reis 400\$000 para mutuar. (2305)

DINHEIRO A JURO

A irmandade de Nossa Senhora da Torre, tem 330\$000 rs. para dar a juro.

O secretario

(2203) Padre Luiz Gomes da Silva.

CASA

Arrenda-se uma na rua de S. Geraldo n.º 18. Trata-se no campo de Sant'Anna, n.º 68. (2298)

RETRATOS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

Vendem-se por 200 reis em Braga, na rua da Sé, n.º 3.

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noute na mesma caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuarios que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgastar, senão serão vendidos.

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879